

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Então, hoje é dia 10 de fevereiro de 1996, estamos em Abomé Calavi, na casa da senhora Marina Massougbodji, nascida Marina d'Almeida. A senhora estava dizendo que seu antepassado partiu como escravo ao Brasil, com a idade de 12 anos. É o Joaquim?

MARINA MASSOUGBODJI - Joaquim Nasibate Azata d'Almeida.

MG - Aquele de Aguê?

MM - Sim.

MG - Ele era original de onde?

MM - De uma aldeia que chama Hokon, ao lado de Savalu. Ele é Mahi<sup>1</sup>. Seu pai era caçador, vindo da região de Savalu, que fundou uma pequena aldeia que chama Xakan. Ele tinha dois filhos. O primeiro, durante uma guerra com os reis de Abomé, ele foi pego, vendido em Uidá à Joaquim D'Almeida.

MG - Lá na Bahia?

MM - Sim. O mestre o colocou na escola e ele se instruiu. Ele trabalhou com seu mestre e com a idade de 24 anos, ele quis voltar para a Costa da África. Foi nesse momento que ele escreveu seu primeiro testamento, que está aqui. Vamos ler juntos. Ele diz: “Eu, Joaquim D'Almeida, nascido na Costa da África, liberto e me encontrando presentemente nesta cidade, em estado de celibato, e partindo sobre a Costa da África, tendo mais segurança de ficar vivo durante a viagem, decido fazer meu testamento “ultim”<sup>2</sup> e últimas vontades, visto que tenho toda minha razão e meu bom senso”.

MG - Na Bahia?

MM - Sim, na Bahia.

MG - Ele tinha que idade?

MM- Ele tinha vinte e quatro anos. [Ele continua:] “Se eu morro fora desta cidade, farão aqui para o repouso de minha alma, quatro missas de capela e, em seguida, duas missas para a alma de Citéria Sinus de Jesus, duas outras para a alma de Damiana e duas outras para Antonio dos Santos, tudo com anúncio feito com as *patacas*”.

MG - Ah, era o dinheiro da época.

---

<sup>1</sup> Mahi, palavra na língua fon (ou fongbé), que designa o povo do antigo reino de Daomé, também conhecido como Marrim, Maí e Mahim.

<sup>2</sup> “Ultim”, tal como no manuscrito.

MM - Pois é. “Um dia, quando se passará um ano de minha morte, farão um ofício com cem, no convento São Francisco desta cidade, e depois do ofício, poderão repartir aos pobres 96 mil réis”.

MG - É a moeda da época também.

MM - “A esmola sendo de uma pataca para cada um dos pobres”.

MG - Patacas são os trocadinhos.

MM - Depois de vinte quatro anos, vou ler ao senhor a sequência. Ele casou com a mulher de seu patrão e ele veio se instalar em Uidá e em Aguê.

MG - Eu poderia fotocopiar isso?

MM - Sim.

MG - Ah, é formidável!

MM - “Que seja meu testamentário, em primeiro lugar, o senhor S.R. Manuel Joachim de Almeida, que foi meu patrão, em segundo lugar, o senhor Caetano Benthô da Anca e, em terceiro lugar, Senhor Bruno Albert Nobre. E aquele que assistirá como testamentário, eu lhe dou um conto de réis”.

MG - Isso é bastante dinheiro! Enormemente. Então com vinte e quatro anos ele já tinha muito dinheiro.

MM - Sim. Ele estava rico. Ele tinha canhões e um navio. Os Mina<sup>3</sup> da Costa do Ancho e de Aguê estavam em guerra. Os Mina tendo pegado El Mina do Gana, as pessoas da costa o chamaram para defendê-los. Ele desceu seus canhões.

MG - Como ele se chamava na língua mahi?

MM - Ele se chamava Dehoumon Gbèdenion. “Eu declaro que os bens que possuo são os seguintes: a soma de 4 milhões 521850 reis, montante do interesse de um oitavo da carga de valor Alaca Cado Joanito, da qual o capitão é Nicolò Bertho ???<sup>4</sup>, o senhor Albert da Cruz Sirio, o qual navio partiu para a Costa da África no ano corrente 1844, aos cuidados de Urino Angelo.

MG - Ele era inteligente.

MM - Ele era inteligente. Era o caixa do seu patrão, ele fazia o comércio.

MG - Eu me lembro, seu patrão perdeu sua fortuna e ele ajudou a viúva do seu patrão?

---

<sup>3</sup> Derivado do nome de um dos mais antigos estabelecimentos portugueses na Costa dos Escravos, na África Ocidental, atual República de Gana (a fortaleza de São João da Mina, ou El Mina), o vocábulo designa também um grupo étnico que habita a região.

<sup>4</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

MM - Não, ele voltou para a África. Quando ele soube que seu patrão tinha morrido, seu patrão tinha se casado novamente com uma jovem brasileira. Então, ele casou com a jovem brasileira, porque era ele que representava seu patrão. A jovem brasileira veio para cá, morar em Aguê. “Eu declaro que possuo a mais o valor de 36 escravos em Havaneautre, nas mãos do senhor José Marcora, sobre os quais eu dei a ordem de remeter o montante de valor de vinte e cinco escravos ao Senhor Joaquim ???<sup>5</sup>. Como igualmente dei a ordem de remeter o valor de dez escravos à Manoel Joaquim de Almeida (seu patrão???)<sup>6</sup>. Eu declaro que possuo em Parnacibana, nas mãos do Senhor Joaquim Manoel Ramos da Silva, o valor de vinte escravos. Eu dei a ordem de remeter o montante ao senhor Joaquim da Cruz. Eu declaro possuir em minha concessão nove escravos que são quatro homens e cinco mulheres que são os seguintes: Marcelino de Nação Nagô, David de Nação Nagô, Feliciano de Nação Nagô, Feliciano de Nação Mina, Maria de Nação Goké, Jesuína de Nação Nagô, Brigitta de Nação Nagô. Eu declaro que possuo, a mais, uma pequena casa sem andar, situada na rota de Os Ostod, paróquia de Santo Antônio, Além do Carmo, que é limitada de um lado pela casa de Doco Emeli, e de outro lado, o Jardim da Maria da Conceição”.

MG - Podemos encontrar, na Bahia.

MM - “Eu declaro deixar ao senhor Manuel Joaquim de Almeida, que foi meu patrão, meu primeiro testamentário, a soma de 800 mil réis, independentemente da soma de um conto [de réis]”. O senhor sabe o que é?

MG - É um milhão. São mil vezes mil réis. Na época, era muito dinheiro.

MM - Quando ele voltou, ele comprou todas as terras do interior do Togo. Era dele tudo isso. E, em Aguê, ele comprou terrenos por toda parte.

MG - Você conhece o francês que chama Pierre Verger?

MM - Sim.

MG - Ele contou a história do antepassado da senhora, e ele trabalhou sobre esse testamento aí.

MM - É estranho.

MG - Ele contou muitas coisas sobre o antepassado da senhora e bastante coisa que, voltando aqui, de fato ele se casou com a branca.

MM - “Declaro que eu devo dinheiro à senhora Tomásia de Souza, africana liberta de nação Dèguè, atualmente na Costa da África, da soma de quatro contos de réis, que Tomásia de Souza me emprestou sem nenhum documento. Por isso, meu testamento deverá pagar imediatamente à senhora Tomásia de Souza Paraíso essa dívida. Eu

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem. Não fica claro se os parênteses foram colocados na transcrição ou se as palavras “seu patrão” foram faladas pela entrevistada.

declaro que devo igualmente ao senhor Joaquim da Cruz, a soma de 600 mil réis. Devo igualmente a meus afilhados Manuel e Justina, todos os dois crianças de meu compadre Benedito ??<sup>7</sup>, africano liberto de nação Dèguè, e de Arriqueta Justina de Bonfim, igualmente africana liberta da nação hauçá. Devo igualmente à senhora Maria Francisco Raus Creiza, cem mil réis. Devo igualmente ao senhor Francisco da Costa 100 mil réis, soma que meu testamentário pagará imediatamente. Eu declaro que meu testamentário liberará imediatamente às despensas de meus bens a negra africana Rose da nação Nagô, escrava do senhor Rafioso Pereira e ele pagará a ela, depois da libertação, duzentos mil réis”.

Corte

MG - Tem uma discriminação. Na casa da senhora não se faz...

MM - Porque ele é ele mesmo escravo. Ele não quer discriminação. Além do mais, ele casou com escravas ???<sup>8</sup> e depois, tem um provérbio que ele dizia frequentemente. Os filhos dos outros de Almeida que são nagô, iorubá, eles não gostam que falemos disso, que façamos diferença. Um dia, numa consulta, eu tinha uma paciente que chegou, eu, eu não vivi aqui, eu sou togolesa, de origem. Narciso migrou ao Togo e se instalou no Togo, se casou no Togo. Foi pelo casamento que eu voltei ao Benim. Então, eu não conheço os Almeida do Benim, embora eles sejam muitos. Para mim, ignorando isso, eu queria saber qual era o ramo de parentesco. Então, a paciente me disse: “- Minha filha, não procure saber, eu me chamo Almeida, é tudo. Saiba que (*amakpá kA lá adi e tutu na fun*)<sup>9</sup> a folha que guardou muito tempo o sabão cheira como o sabão”.

MG - Quer dizer que ela não é Almeida de sangue, mas isso não muda nada. Isso é muito forte.

MM - Quando ela me disse, eu entendi e desde então eu não questiono mais para saber. Esses são os Almeida de Joaquim. Mas tem outros Almeida em Uidá, que tem o avô que é *Yovo*<sup>10</sup>, que é branco. É outro comerciante Almeida, que se instalou em Uidá e casou com negras e tem filhos mestiços.

MG - Que viraram negros.

MM - Eles são mais negros do que eu, agora. Como é a segunda, terceira geração, eles são negros, mas vemos os cabelos um pouco enrolados, em alguns. Nos outros, nada. Esses pegaram os costumes da mãe deles para se integrar. Nós, nós somos mahi, eles, eles querem dizer que eles são de Uidá, porque a mãe deles é de lá. Então, os Almeida de nome, mas de costumes diferentes. Mas Joaquim fez história, ele que trataram de escravagista, como os Souza, os Olympio, tudo isso. Eram os meios da época. Mas era meu antepassado e ele era escravo.

---

<sup>7</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Palavras originalmente em língua Africana, no manuscrito.

<sup>10</sup> Yovo, termo desconhecido.

MG - É preciso necessariamente conhecer o livro de Pierre Verger sobre esses personagens africanos que fizeram ida e volta. O livro é infelizmente em português. Eu pedi a Pierre Verger para fazer a tradução e ele disse que ela já estava sendo feita, então vai sair daqui a pouco, mas, à parte isso, ele escreveu um livro magnífico, grosso assim, que se chama “O fluxo e o refluxo do tráfico negreiro entre o Golfo do Benim e a Bahia entre os séculos XVI e XIX”.

MM - Então, ele está dentro.

MG - Sim, eu vou te fotocopiar a passagem do antepassado da senhora.

MM - Eu tenho uma passagem também que uma tia que se chama tia Gendame que tem documentos. Ele está em Cotonu.

MG - Eu posso vê-la.

MM - Sim, o senhor pode vê-la. Em um documento, o tratavam de escravagista. De fato, se ele enriqueceu depois de sua instalação sobre a costa, é, sobretudo, graças ao seu interior, que chamamos de Atouéta, onde ele levou mandioca do Brasil e que ele começou a plantar atrás de Atouéta. Então, ele fazia *gari*<sup>11</sup>, tapioca, então ele tinha em seu campo escravos que trabalhavam para ele. Mas esses escravos ficaram com a terra dele. Depois, nós não retomamos. É um pouco como o aluguel. Então, como ele viveu jovem no Brasil, ele recebeu muito dessa cultura brasileira, ele casou com uma mulher brasileira, ele transmitiu e nos transmitiu um pouco.

MG - Até a senhora? A senhora tem filhos?

MM - Sim, até mim. E eu tenho quatro filhos. A educação, o respeito, e depois a feijoada, é o que comemos. Tem outros pratos que fazemos, mas que vêm dessa fonte aí. Meus avós diziam: “- Boa noite, *bença*”<sup>12</sup>.

MG - “Benci”, “bença” é quando pedimos a benção.

MM - *Avensa*???<sup>13</sup>

MG - Tem também “como passo”? A senhora entende isso?

MM - Sim.

MG - No que a educação da senhora é diferente de uma família gom<sup>14</sup> ou fom<sup>15</sup>?

---

<sup>11</sup> Gari, idem.

<sup>12</sup> “Bensa” no manuscrito, ou “bença”, é uma palavra derivada de benção.

<sup>13</sup> “Avensa”, provavelmente é como ela pronuncia a benção; seguido de pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>14</sup> Grupo étnico e língua falada em Porto Novo, no Benim.

<sup>15</sup> O Fom, fon ou fongbe, é o nome de uma língua e de um grupo étnico que é uma subdivisão do povo Ewe, ditos “Ewes orientais”. Habitam o Benim, onde, na fronteira com a Nigéria, se misturam aos Iorubás. O subgrupo principal dos Fon é o Fon-Mahi, “Jeje marrim”, no Brasil. Tradicionalmente

MM - Venha um pouco. Em que é diferente? É meu jardim. As pessoas que têm dinheiro compram uma grande casa com muito cimento, eles vão ter móveis muito ricos. É a diferença, a qualidade de vida. Tem a escola.

MG - Mesmo as meninas vão à escola.

MM - Sim. Mas não demos tanta importância para as meninas do que para os homens. Minhas tias evoluíram bastante. Minha tia fala bem o francês. Entre nós, eu sou a primeira a ter concluído o segundo grau. Eu não gosto de falar de mim. Mas eu sou a única mulher diplomada em Cardiologia na África negra francófona. Todas as minhas irmãs têm diploma superior também. Quando éramos meninas, meu pai nos colocava nos melhores pensionatos.

MG - É interessante essa mentalidade. Os africanos que foram ao Brasil, eles assimilaram a cultura dos mestres deles, não a cultura do povinho. Então eles vieram com hábitos dos brancos, mas não de não de qualquer branco. Eles tornaram-se aristocratas.

MM - Eles imitam os padrões. O senhor já viu a *bourian*?

MG - Sim, eu vi. Quando a senhora era jovem, a senhora brincava de *bourian*?

MM - Eu, eu não vivi muito em Cotonou. Mas teve reuniões na casa do meu avô aqui, nós íamos ensaiar para a *bourian*, as canções, temos tudo.

MG - Tem uma associação brasileira de *bourian* em Cotonu, o presidente é Blaise de Almeida. A cabeça que guardou o sabão faz espuma como o sabão<sup>16</sup>. Meus cumprimentos pelo jardim da senhora, ele é muito bonito. E eu percebi que as casas não têm jardim bem cuidado. Aqui é verdadeiramente bonito.

MM - Eu tenho um jardineiro e na minha casa somos todos artistas, minha irmã...

MG - O marido da senhora é médico?

MM - Sim, ele é parasitologista. Ele é médico credenciado também. E depois, na família de Almeida, nós temos mulheres letradas. Quando você é letrada, você busca um marido letrado.

MG - É normal.

MM - Meu marido, estudamos juntos. Nós terminamos juntos e tivemos nosso credenciamento médico juntos.

MG - Então a senhora conheceu o marido da senhora na faculdade?

---

agricultores, pescadores e comerciantes, o povo fon foi, nos séculos XVII e XVIII, senhor do Reino de Daomé, um poderoso e organizado Estado cuja capital era Abomé.

<sup>16</sup> “La tête qui a gardé le savon mousse comme le savon”, literalmente quer dizer “a cabeça que guardou o sabão faz espuma como o sabão”, mas a frase em tudo se assemelha à frase da paciente da entrevistada: “o papel que guardou o sabão tem cheiro de sabão”.

MM - Sim.

MG - Que idade a senhora tem? Eu vou fazer 48 anos esse ano.

MM - Eu, eu vou fazer 50 anos esse ano.

MG - Eu pensei que a senhora fosse minha irmã caçula de 15 anos.

MM - Meu mais velho faz direito em Paris, ele está no segundo ciclo do ensino superior. Minha segunda é contadora. O terceiro, ano passado não passou no exame que dá acesso à faculdade, esse ano funcionou, ele faz ciências econômicas. A última está no último ano do ensino médio.

MG - Estou impressionado de ver, eu achava que a senhora era minha irmã caçula de 15 anos.

MM - Eu achava que o senhor era mais jovem.

MG - Eu fiz minha vida profissional e depois de anos me propuseram o doutorado.

MM - O senhor é professor?

MG - Sim, tenho um posto numa universidade lá [no Brasil].

MM - O senhor tem filhos?

MG - Sim, um menino e uma menina, eles são jovens. O menino tem onze anos e a menina seis. Propuseram-me o doutorado e essa pesquisa em tempo morto. É por isso que estou aqui. E a festa do Bonfim, a senhora tem lembranças disso? É a festa dos brasileiros no mês de janeiro. A senhora não tem lembrança, o Bonfim?

MM - Não, mas minha tia conhece tudo isso. Ela tem documentos, ela conhece as canções de *bourian*, ela conhece as coisas de muito longe. Ela pode ajudar o senhor. Quer dizer, que o oitavo dia é preciso sair o menino e o colocar na sociedade, depois do nascimento. Sete vezes vamos e voltamos e fazemos coisas. Na ultima parte, jogamos água no ar e recolhemos a água que cai sobre ele.

MG - E essa cerimônia vem de onde?

MM - Isso vem dos nossos costumes africanos, mahi. Era um sincretismo religioso, entre a religião brasileira e religiões de origens diversas.

MG - Eu queria perguntar uma coisa à senhora, porque eu fiz um [?]<sup>17</sup> de coisas para discutir com a senhora e a senhora falou de tudo. Na opinião da senhora, o que quer dizer ser agudá hoje em dia?

---

<sup>17</sup> Aqui há uma palavra que parece ser “canevas”, palavra francesa que significa “lona”. Mas não faz sentido.

MM - Ser um agudá é ter recebido uma cultura, certa civilização, um sincretismo de civilização, de modos, um modo de vida alimentar, de pensamento e educação. E depois, o orgulho de pertencer a uma civilização que está, no meu entender, alguns anos na frente. Hoje, não há fronteira entre as civilizações; as civilizações estão entremeadas. Somos agudás porque, além da civilização europeia, nós temos uma história, onde tem momentos de esperança, teve a escravidão, teve a aristocracia, tudo isso faz com que nós tenhamos nosso modo de vida e mesmo de pensar. Porque, quando vamos a algum lugar, dizemos Da Matha, De Souza, sabemos que é a mesma polidez, a mesma educação. E nós já nos consideramos como pessoas que receberam algo a mais em relação aos outros, sem fazer complexos.

MG - Tem uma identidade entre as pessoas que portam esse nome aí. São pessoas que tem uma polidez especial entre eles, que podem se perguntar: “- Como passou?”, por exemplo.

MM - Temos certo passado.

MG - Falando de Da Mata, a senhora Sanvi, nascida Da Mata, eu coloquei para ela a mesma pergunta e, então, ela respondeu, etc., e depois ela respondeu: “- O senhor sabe, não há diferença entre um fôm evoluído, que tem educação, e um agudá. Mas, se você olhar bem, um brasileiro é um brasileiro”.

MM - É verdade. Tem um sincretismo, é verdade, mas tem um espírito de pertencimento a uma história, que tem uma educação que faz a diferença, sem fazer complexo.

MG - Eu tive uma reunião com a família Paraíso. E eu perguntava na reunião de 34 pessoas: “- E o problema dos escravos. Alguém que não é agudá chama vocês de escravos?”. Todo mundo, no mesmo momento, respondeu: “- Sim, todo o tempo. Na escola dizem que somos escravos”. A senhora viveu sua juventude no Togo. Lá também é assim? As pessoas identificam os agudás aos escravos?

MM - Isso, sim. As pessoas... É um complexo para eles, um complexo de inferioridade. Nós temos também nosso espelho, nosso complexo de superioridade. Lá onde eles se admiram é que reconhecemos que somos escravos, mas nós viemos para liberá-los, trazer algo para eles. E é preciso primeiro reconhecer nossa qualidade de escravo, mas liberto.

MG - E o escravo é uma vítima, não um carrasco.

MM - Então, quando nós éramos jovens, não conhecíamos muito bem a história, porque tem a história escrita pelos europeus, os franceses que faziam crer que os escravos eram, sobretudo, os fracos. Então, vivíamos mal isso. Mas, no fim e na medida, sobretudo, com Uidá 92, lá nós percebemos que fomos vítimas. E é agora que eu percebo que meu antepassado foi uma vítima.

MG - Ele tinha doze anos.

MM - E o que é de se admirar é que esse senhor voltou trazendo uma civilização moderna a seu país. Ele voltou e foi em sua aldeia natal reconhecer os seus e ele lhes ...<sup>18</sup> o que fez com que eles se admirassem. E eu, eu gozo das pessoas de Aguê quando eles dizem: “- Vocês são escravos sem lei, sem pátria”. Eu digo a eles: “- Mas foi o Almeida que libertou vocês, senão vocês estariam escondidos nos legumes. Vocês continuaram nos legumes enquanto nós pegamos todas as boas terras”. Tem duas grandes casas em Aguê (Axuégan), aquela dos Almeida e a dos Afi Adjigo.

MG - Os Olympio também, eles são bastante importantes em Aguê.

MM - Eles eram tão ricos quanto os De Souza, mas o De Almeida era muito rico.

MG - Sim, basta ver o testamento.

MM - Nós não nos ocupamos mais de nossas terras, é para levar uma vida mais simples. Salvo em Aguê, onde temos nossas terras. Nós tínhamos um velho que morreu não faz muito tempo e vendeu terras para comer. Senão, temos ainda bens, temos ainda toda a praia. Temos nossa herança.

---

<sup>18</sup> Aparentemente falta uma palavra. Os três pontos são do manuscrito.

## Segunda entrevista com Merry de Almeida<sup>19</sup>

Existem dois cemitérios franceses em Uidá.

O cemitério civil francês<sup>20</sup>: Ele data dos anos 1890 e acolheu os corpos dos franceses, alemães, brasileiros, etc. Nesse cemitério foram enterrados padres, religiosas e membros de famílias que não tinham o hábito de, como os nativos, enterrar seus mortos em casa. Trata-se, sobretudo, de famílias de origem brasileira e portuguesa. É o caso das famílias De Almeida, Vieyra, Da Silva, De Medeiros, de Assunção, Rodrigues, etc.

O lugar tinha sido escolhido em razão de seu isolamento do centro da cidade. Mas esse cemitério não é mais hoje privilégio somente das famílias de origem brasileira e portuguesa. Mas, se esse cemitério continua a acolher essencialmente essas famílias, é porque o jazido custa caro e não está ao alcance de todas as famílias. De fato, o jazigo custa 18 mil francos, contra 6 mil francos no cemitério municipal. A construção do muro do cemitério foi bancada pelas famílias Medeiros, De Almeida, Vieyra e Silva e Rodrigues.

O cemitério militar francês: Ele data das campanhas militares para a conquista do Daomé. Os soldados, oficiais, e sub-oficiais franceses e os trabalhadores senegaleses foram aí enterrados. Ele é mantido pela embaixada francesa, próxima ao Benim. Para comemorar seus militares sobre o campo de batalha, é organizado no dia 14 de julho e no dia 11 de novembro de cada ano, uma parada militar diante do cemitério.

O cemitério municipal: Ele foi criado por decreto por Emile Poisson, prefeito delegado durante o período de transição depois da Lei Quadro (1956-1960) para proibir os enterros nas concessões. Ele ainda não está cheio desde a sua criação porque muitas famílias continuam os enterros em casa, nas aldeias e fazendas.

O cemitério muçulmano: Ele é mais antigo do que o cemitério municipal, porque os muçulmanos não gostam de enterrar seus mortos em casa.

O cemitério do forte português: Ele é, na verdade, o mais velho dos cemitérios, os portugueses sendo os primeiros europeus em Uidá. Mas nós não poderíamos considerá-lo verdadeiramente um cemitério, porque os portugueses habitavam igualmente o forte.

Calvários: Era um lugar que servia de caminho da cruz, todas as sextas-feiras santas. A procissão partia dos calvários em direção à Basílica. Sobre o caminho, a procissão observava as estações. Mas faz quatro anos, aproximadamente, o caminho da cruz não parte mais desse ponto.

---

<sup>19</sup> Essa entrevista segue aquela da senhora Massougbodji, nascida Marina de Almeida, e pode ser com a mesma senhora, aqui chamada de Merry. Não foram especificados a data e o local da entrevista. A frase “Segunda entrevista com Merry de Almeida” está sublinhada.

<sup>20</sup> A frase “o cemitério civil francês” está sublinhada, assim como o título dos outros cemitérios e locais que se seguem.

A residência do chefe da circunscrição: Ela servia antigamente de residência do comandante do círculo. O térreo servia de escritório, enquanto no andar ficava a residência do comandante. Sua arquitetura sofreu modificações há alguns anos.

Escola em ruínas: Era o antigo tribunal. Ele abrigava os escritórios do adjunto aos serviços civis (presidente do tribunal). Esse último era o adjunto do comandante de círculo. Um dos mais populares era o senhor Tionville, de origem das Antilhas.

Casa Anagonon: Ela foi construída por Cesário de Medeiros (comerciante). Tendo caído em desgraça, ele toma dinheiro emprestado de Theodore Anagonon, tendo a casa como garantia. Como a dívida não foi paga, essa casa virou propriedade de Theodore Anagonon. Em Uidá, durante a colonização, todos os prédios com andares eram ocupados pelos militares. Foi assim que o imóvel que virou propriedade de Anagonon serviu aos militares, que a utilizaram como [?] <sup>21</sup> dos oficiais. Com a morte de Theodore Anagonon, a casa foi retomada por seu filho Robert.

Edifício Tognisso: Esse imóvel tinha sido construído por Adjavon, grande comerciante de Uidá. Mas em certo momento ele teve atrasos para a entrega de negros – palmistas destinados à exportação. Houve um processo em Dakar, que Adjanon perdeu. A consequência desse processo foi a tomada do imóvel, que foi comprada por Tognisso.

Prédio em ruínas perto da mesquita É uma propriedade da família Diogo, um comerciante residente à Aguê, exportador de óleo de palma para a França. Os estrangeiros eram muito empreendedores em Uidá e tinham as grandes casas comerciais. Eles começavam primeiro trabalhando nas casas comerciais europeias da praça, antes de se instalarem por sua própria conta. Eles eram, em geral, empregados da Casa Soanzi. Os grandes comerciantes da época colonial em Uidá eram: Adjavan, Anagonon, Jean Vallon, Lemor.

Villa Saint Pierre: Ela foi construída por Leopoldo de Medeiros, irmão de Cesário, ele também comerciante. Sobre a mesma parcela, tinha um andar que foi destruído por um tornado. O pai de Cesário e Leopoldo era um navegador cujo barco naufragou ao largo de Aguê. Ele foi recolhido e residiu aí um momento antes de se instalar em Uidá. Eles eram três a se encontrarem nesse caso: De Medeiros, tendo ramificações, sobretudo, em Uidá; Olympio, em Aguê e, sobretudo, no Togo; Amorim, em Grande Popô.

A rota dos escravos: Baobá em Agori <sup>22</sup>, caminho passando diante da praça Chachá, a escola Brasil, a praia.

A praça Zobé: Zobé era uma praça pública durante a conquista do rei Agadja. O Agori era um lugar público onde se efetuava a reunião dos escravos. Zobé era, na verdade, um lugar de divertimento. Tudo começou o dia em que a praça Agori, estando ocupada, o rei decidiu reunir certos convidados sobre a atual praça Zobé. Chegado o momento de servi-los, o rei, que se encontrava em Agori, teria dito, aos serventes: *“Mi sob é y bé*

---

<sup>21</sup> Aqui há uma palavra de caligrafia incompreensível.

<sup>22</sup> Caligrafia difícil.

(BA) *nou yéb*”, o que poderia significar: “Vão servi-los”. Por desfiguração<sup>23</sup>, a praça pegou o nome de Zobé. Mas ela não tinha um mercado. Como era um lugar de regozijo popular, as mulheres pegaram o hábito de vender [coisas] ali à noite. Pouco a pouco, a praça se transformou. Agadja construiu ali uma figura, que tem o nome de Aizan. Foi depois da construção que a praça Zobé virou oficialmente um mercado.

*NOUKDLICUIDI*<sup>24</sup>

ATENÇÃO: FOLHA ISOLADA<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Das palavras “Mi sobé”.

<sup>24</sup> Esta palavra está anotada em maiúsculas, no final do texto.

Ele mesmo não gosta dos *fetiches*. Seus filhos também não. Mas ele paga as pessoas que se ocupam dos *fetiches*. Esses daí também dizem que se chamam Almeida.

Meu avô era da família da camada de Anecho. Do grupo dos Pompeo. Meu pai era o único que veio de Anecho para o Benim. Ele se instalou para fazer comércio, em Bohicon, em Cové, Savalu. Era no período colonial francês. Ele era muito apreciado pelos comandantes do círculo e outros colonos franceses. Como agradecimento pela ajuda dada à França na guerra, as [autoridades] ofereceram a ele a nacionalidade francesa. Eu, por exemplo, recusei a nacionalidade francesa. É uma besteira. Não posso ser negro e me reconhecer francês. A cidadania francesa dá vantagens, mas, como personalidade, eu não me acho nisso.

Na minha pequena família, minha mulher é de pai alsaciano. Ela é de Grande Popô. Ele é tipicamente beninense.

MILTON GURAN Qual é a diferença entre as afro-brasileiras puro sangue e as afro-brasileiras tipicamente beninenses?

D'ALMEIDA É uma questão de práticas, de usos. Tem também o senso de honra. Os sobrenomes são mantidos. Antes não registrávamos o sobrenome no estado civil. Foi só mais tarde, quando foi preciso fazer os registros que o sobrenome teve um papel de identificação. Mas acontece que os irmãos do mesmo pai não assinam o mesmo sobrenome e seguem os nomes dos parentes imediatos. Por exemplo, um pode assinar De Souza, outro filho assina Da Cruz. A noção de honra pelo sobrenome é um fato dos portugueses.

Vou contar uma historinha sobre os De Almeida. Alguém veio pedir a mão de uma menina De Almeida. Ele era rico. Um membro da família pergunta ao pretendente se ele come manteiga, queijo, etc. Será que ele sabe tomar café? “Se você não sabe fazer essas coisas, você não pode casar com minha filha”. Só por isso acontece de pais recusarem de dar a mão de suas filhas às pessoas. Mas isso remonta tempos longínquos. Meu avô se chamava Pompeo. Meu pai se chamava Yacinto. Meus filhos se chamam: Yacinta, Patrícia, Calista, Imelda, Théophile.